

# A TRANSFIGURAÇÃO DO ESTEREÓTIPO FEMININO NAS OBRAS *DOM CASMURRO* E *CAPITU: memórias póstumas*

Fabiana Medeiros

Graduada em Letras pela Universidade Iguazu

**RESUMO:** O artigo visa a uma análise literária do estereótipo feminino de Capitu abordado nas obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e *Capitu: memórias póstumas*, de Domício Proença Filho. Ressalta os aspectos relevantes da visão masculina formulados sob a linguagem ambígua de Machado, em contraponto à autodefesa da personagem, conduzindo-nos assim a uma nova visão sobre a personalidade de Capitu, na obra de Proença Filho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura brasileira. Machado de Assis. Domício Proença Filho. Gênero. Intertextualidade.

## Introdução

No escopo deste trabalho será apresentada uma análise do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, em confronto com *Capitu: memórias póstumas*, de Domício Proença Filho, tendo como ponto de partida a personagem “transgressora” Capitu. Estamos interessados em analisar como se formam os estereótipos da figura feminina nas obras citadas e como este mesmo conceito do comportamento feminino é transfigurado a partir do momento em que a narrativa é conduzida sob um novo olhar, de forma que se confronte como Capitu é construída e desconstruída sob o discurso masculino. Como enfoque geral, o objetivo é o de tecer uma análise de como a figura feminina aparece representada na obra *Dom Casmurro*, bem como a influência da releitura da personagem no romance *Capitu: memórias póstumas*.

Em um primeiro momento, pretendemos abordar a tradição crítica de Machado e sua visão inovadora na abordagem da obra. Realizaremos o levantamento de pontos essenciais sobre a personalidade de Bentinho para que possamos compreender a concepção da figura de Capitu pelo mesmo. Com base em tais dados, apresentaremos Capitu com o intuito de compreendê-la dentro de um contexto social, abordando alguns conceitos de valores e de moral vigentes na época. Após essa análise, aprofundaremos o estudo da personagem, explicitando seu comportamento, sua vida e suas frustrações em seu romance com Bento Santiago.

A hipótese a ser verificada é como a figura feminina é conduzida ao processo de desvio de conduta moral através do plano contextual da sociedade à qual pertence, sob a ótica

masculina em confronto com sua autodefesa. Para tal, tomaremos por base as representações femininas descritas na figura Capitu, em *Dom Casmurro*, adotando como referência alguns aspectos relevantes pontuados na obra *Capitu: memórias póstumas*, de Domício Proença Filho, desencadeando a análise comparativa. Para o embasamento minucioso desta análise literária, utilizaremos como fontes bibliográficas as obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *Capitu: memórias póstumas*, de Domício Proença Filho, *O enigma do olhar*, de Alfredo Bosi; e *Figuras femininas em Machado de Assis*, de Ingrid Stein.

## 1. A TRADIÇÃO CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis ultrapassa qualquer tentativa de enquadramento em estilos de época, seja o naturalista ou o realista. O que encontramos em sua obra são características marcantes de uma mente genial, que de forma coerente utiliza elementos clássicos como o equilíbrio, a concisão, a contenção lírica e expressional, com um toque de resíduos românticos; a atitude crítica e objetiva com temas contemporâneos; os procedimentos impressionistas (a técnica impressionista, a recriação do passado através da memória, das “sombras” de recordação) ou as antecipações modernas (a estrutura fragmentária não-linear, o gosto pela alusão, a postura metalinguística de quem escreve e se vê escrevendo e as “obras abertas”, sem conclusão necessária, permitindo várias leituras ou interpretações).

Todas estas características, somadas, fazem com que Machado seja considerado por muitos o maior escritor brasileiro.

A preocupação em seus textos é a de retratar e ficcionalizar fielmente as experiências vividas em sociedade, desafiando os limites, no momento em que lança mão de investigar o comportamento psicológico do ser humano. Aliado de sua técnica, há um tom de um humor reflexivo, algumas vezes amargo, outras vezes divertido, como quem estivesse rindo do leitor, pois conduz todo o processo da narrativa, manipulando-o através da ironia contida em seu diálogo, como é possível perceber no trecho :

Abane a cabeça. Leitor: faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já o não obrigou a isso antes; tudo é possível. Mas, se o não fez antes e só agora, fio que torne a pegar do livro e que o abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. Todavia, não há nada mais exato (ASSIS, s/d. p. 97).

Seus temas são profundos e, como conferimos em *Dom Casmurro*, existe uma indagação filosófica sobre o questionamento do ser, enquanto existencial, e de sua relação intrínseca, conforme podemos constatar em Alfredo Bosi (BOSI, 2007, p.11):

O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção das palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A referência local e histórica não é de somenos; e para a crítica sociológica é quase-tudo. De todo modo, pulsa neste quase uma força de universalização que faz Machado inteligível em línguas, culturas e tempos bem diversos do seu vernáculo luso-carioca e do seu repertório de pessoas e situações do nosso restrito Oitocentos fluminense burguês. Se hoje podemos incorporar à nossa percepção do social o olhar machadiano de um século atrás, é porque este olhar foi penetrado de valores e ideais cujo dinamismo não se esgotava no quadro espaço-temporal em que exerceu.

Uma das linhas mestras da ficção machadiana parte do aproveitamento dos arquétipos, que, "na psicologia analítica significa a forma imaterial à qual os fenômenos psíquicos tendem a se moldar. Eles são as tendências estruturais invisíveis dos símbolos. Os arquétipos criam imagens ou visões que correspondem a alguns aspectos da situação consciente. Funcionam como centros autônomos que tendem a produzir, em cada geração, a repetição e a elaboração dessas mesmas experiências. Eles se encontram isolados uns dos outros, embora possam se interpenetrar e se misturar" (Wikipédia, 2009).

Desta forma, acabamos por identificar, nas obras machadianas, elementos instintivos e psicológicos sobre o desenvolvimento do comportamento humano:

A psicologia das personagens adquire enorme importância aos nossos olhos, exatamente porque é a psicologia de classes sociais inteiras, ou pelo menos de certas camadas sociais; e, sendo assim, podemos verificar que os processos que se desenvolvem na alma das diferentes personagens são o reflexo conseqüente do movimento histórico a que pertencem" (L'art et l'avié sociale, Ed. Sociales, 1953, pág. 216.) Comenta Astrojildo Pereira: Eis aí uma boa chave para a compreensão das íntimas conexões que existem entre a obra de Machado de Assis e a história social do tempo que ele reflete (BOSI, 2007, p.13).

A figura de seus personagens se desdobra através dos tempos e elementos aparentemente superficiais que envolvem as relações do cotidiano fundem-se à tradição clássica de Machado dando à obra um tom intertextual, como o ciúme de Bentinho, em *Dom Casmurro*, o qual se aproxima do drama de Otelo e Desdêmona, de Shakespeare. Logo, com todas estas características, percebemos um Machado visionário que rompe com os processos ideológicos e procura criar sua forma literária autêntica.

## 2. DE BENTO A CASMURRO: A TRAJETÓRIA DE UMA VIDA

Vivendo no Engenho Novo, um subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, quase recluso em sua casa, construída segundo o molde da que fora a de sua infância, na Rua de Matacavalos, Bento de Albuquerque Santiago, com cerca de 54 anos, é conhecido pela alcunha de Dom Casmurro por conta de seu gosto pelo isolamento. Lá, decide escrever e reviver sua vida.

O narrador, configurado na tríade Bentinho, Bento Santiago e Dom Casmurro, retrata a evolução do personagem através do tempo, retomando uma viagem introspectiva, iniciada em um tempo posterior ao dos acontecimentos narrados.

Os fatos relatados nas páginas iniciais da obra demonstram que, através do pseudônimo recebido, podemos traçar o perfil do narrador, o qual chega à velhice como um homem isolado, de pouca fala e poucos amigos, enclausurado por suas lembranças e escravo das mesmas, as quais surgem a cada nova tentativa de libertar-se de seus medos do passado: “Talvez a narração me disse a ilusão e os sonhos viessem perpassar ligeiros, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras...?” (ASSIS, s/d, p. 18).

Percebemos que o narrador procura realizar um processo regressivo através do qual justifique a análise detalhada da descoberta de si mesmo e a conclusão do que ele realmente se tornou como é apresentado no trecho: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui” (ASSIS, s/d, p.17).

A intenção do narrador é restaurar as lembranças do passado e fazer com que estas lhe mostrem um novo retrato, desta forma talvez esclarecendo o rumo de sua estória, a qual fora concebida sob a premissa da submissão familiar.

A vida do protagonista/narrador transcorre sem maiores incidentes até a "célebre tarde de novembro" de 1857 quando, ao entrar em casa, ouve pronunciarem seu nome e esconde-se rapidamente atrás da porta. Na conversa entre sua mãe e o agregado José Dias, que morava com a família desde os tempos de Itaguaí, Bentinho, como era então chamado, fica sabendo que sua mãe se mantém firme na intenção de colocá-lo no seminário a fim de que seguisse a carreira eclesiástica, segundo promessa feita a Deus, caso tivesse um segundo filho varão, já que o primeiro morrera ao nascer. Sua ascendência é de classe abastada, filho de um fazendeiro o qual cedo se tornará deputado, mas logo vindo a falecer, não proporcionando a Bentinho o convívio com uma figura masculina que fosse uma referência em sua educação

familiar. Fora criado com desvelo pela mãe D. Glória, protegido do mundo pelo círculo doméstico e familiar por tia Justina, tio Cosme e José Dias.

As figuras femininas de D. Glória e Capitu, “sua amiga de infância e sua paixão”, exerciam extrema influência sobre Bentinho, que desde cedo apresentava um comportamento hesitante, fraco, passivo e emotivo. Bentinho, na realidade, é dono de uma personalidade infantil e a mesma o tornou refém de seus atos. Some-se a isso a sua imaginação fértil, sempre pronta a criar alucinações e razões para ciúmes. Poucos são os passos que consegue galgar sem que estes não sofram a influência alheia conforme podemos verificar nas passagens:

Disse isto fechando o punho, e proferi outras ameaças. Ao lembrá-las, não me acho ridículo; a adolescência e a infância não são, neste ponto, ridículas; é um dos seus privilégios. Este mal ou este perigo começa na mocidade, cresce na madureza e atinge maior grau na velhice. Aos quinze anos, há até certa graça em ameaçar muito e não executar nada (ASSIS, s/d, p. 46).

...Não posso, continuei eu, não menos pasmado que ele, não tenho jeito, não gosto da vida de padre. Estou por tudo o que ela quiser; mamão sabe que eu faço tudo o que ela manda (ASSIS, s/d, p. 58).

Quando voltei a casa era noite. Vim depressa, não tanto, porém, que pensasse nos termos em que falara ao agregado. Formulei o pedido de cabeça, escolhendo as palavras que diria e o tom delas, entre seco e benévolo. Na chácara, antes de entrar em casa, repeti-as comigo depois em voz alta, para ver se eram adequadas e se obedeciam as recomendações de Capitu... (ASSIS, s/d, p. 49).

Mas nosso narrador de personalidade “fraca” revela uma visão ferina sobre os que julgam não pertencer à sua casta, visto sua forma de descrever os agregados que fazem parte de seu convívio familiar como vemos no trecho “José Dias amava os superlativos [...] Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, talvez neste mundo. [...] O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia” (ASSIS, s/d, p. 21).

Seu olhar preconceituoso vem à tona, entre um capítulo e outro, mas de forma sutil, iludindo o caro leitor como se retratasse apenas uma visão esférica de um grande observador: “A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalhavam depressa os vestidos novos, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado de uma elegância pobre e modesta” (ASSIS, s/d, p. 23). Este tipo de juízo preconcebido acompanha o narrador-personagem desde sua infância, quando do encontro de Bentinho com Capitu e suas descrições, conforme os trechos que seguem:

Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas, Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos não cheiravam a sabões

finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos (ASSIS, s/d, p. 37).

Pádua era empregado em repartição dependente do ministério da guerra. Não ganhava muito, mas a mulher gastava pouco, e a vida era barata (ASSIS, s/d, p. 41).

Pelo discurso proferido, não nos custa notar que suas palavras são objetivas e demonstram seu lado discriminatório e de desconhecimento pejorativo sobre aquela que seria sua futura esposa e faria parte de sua família. Naquele momento, Bento dissimula sua opinião ocultando-a daquela menina de quatorze anos, da qual dizia não poder tirar os olhos; talvez a beleza física transponha a ascensão social.

### **3. A FIGURA TRANSGRESSORA DE CAPITU**

A figura feminina de Capitu, relatada nas páginas de *Dom Casmurro*, distancia-se do comportamento feminino exemplar no século XIX.

Na acepção da palavra, Capitu é aquela que está à frente de seu tempo. A posição social das mulheres daquele século era a de figuras secundárias, privadas nas condições de acesso à educação, restritas à figura masculina, sendo a mulher daquele período ainda submetida ao paradigma da sociedade patriarcal na qual a figura masculina era representada pela figura do pai, sogro, avô, amigo ou conselheiro, que estabeleciam e monopolizavam o conhecimento como um bem titular. Capitu vem representada como a transição deste conceito estereotipado de sociedade e rompe com este tipo de conduta a partir de sua personalidade impulsiva e convicta de que não existem limites que a separem de seus ideais. Ela transgride as divisões de classes vividas por ela e Bentinho na representação do “muro” que os separa, como é relatado no capítulo 13, “Capitu”, e o faz através de um laço intenso e oportuno existente no sentimento alimentado pelos personagens: “A sociedade levantou um muro entre as classes, mas esse muro tem suas fendas. É possível às vezes passar de um lado para o outro, não precisamente pelo trabalho, mas cultivando e explorando as relações naturais” (BOSI, 2007, p. 83).

Capitu é construída para ser uma personagem esférica, complexa, labiríntica. Isso dificulta sua abordagem, não só para o narrador, mas também para o leitor, pois somos submetidos à ótica de Bento Santiago, a qual nos conduz à crítica unilateral e subjetiva de nosso narrador, já que tudo o que sabemos de Capitu é por um único ângulo.

Os atos de Capitu são obstinados; a figura da personagem é desafiadora de tal maneira que para a mesma não importam os limites impostos ou estabelecidos; sua coragem faz dos obstáculos metas a serem superadas conduzindo Capitu a olhar para dentro de si mesma, a superar os seus medos, de modo tal que os mesmos não sejam percebidos por aqueles que a rodeiam:

– Capitu! – Papai! – Não me estragues o reboco do muro. Capitu riscava sobre o riscado, para apagar bem o escrito. Pádua saiu ao quintal, a ver o que era, mas já a filha tinha começado outra coisa, um perfil, que disse ser o retrato dele, e tanto podia ser dele como da mãe; fê-lo rir, era o essencial (ASSIS, s/d, p. 39).

Através da passagem descrita pelo narrador, a figura de Capitu é projetada como uma mulher calculista e pronta para vestir um personagem que melhor se adequa à situação enfrentada. Neste ponto, o narrador procura incutir no leitor que Capitu, desde a infância, já demonstra ser aquela que possui um caráter dúbio e se molda desde adolescência, como se afirma no trecho: “Há coisas que só se aprendem tarde; é mister nascer com elas para fazê-las cedo. E melhor é naturalmente cedo que artificialmente tarde” (ASSIS, s/d, p. 40).

Considerando as alusões propostas pelo narrador, o leitor passa a formular a figura de Capitu como um mosaico embutido de pequenas peças, dispostas em desenhos que são apresentados pouco a pouco na obra.

Alfredo Bosi assim comenta este processo de formação do personagem Machado:

Há personagens que parecem esgotar-se na reiteração de suas palavras e atitudes; é só observá-las com atenção por algum tempo, e tem-se a chave dos seus comportamentos. Daí, vem a tentação de classificá-las como tipos, o que será toda ou quase toda a sua verdade. E há personagens que, sob a aparência inescapável de sua fisionomia social, podem surpreender-nos pelos seus movimentos próprios de uma liberdade interior que contraria as expectativas de seu meio (BOSI, 2007, p. 74).

Mas o que faz de Capitu esta personagem extraordinária é justamente a forma como podemos percebê-la. Ao leitor são dadas pistas minuciosamente elaboradas pelo narrador para que seja comprovada sua imagem de mulher subversiva, inconstante e dissimulada, mas de fato, o que o leitor pode encontrar vai mais além, através do fulgor que a personagem exprime, lendo a obra de forma mais detalhada e distanciando-se deste olhar maniqueísta, sob o qual a personagem é engendrada.

Capitu é lida, sentida e vivida sob uma ótica masculina que se desdobra em toda a obra. Sua beleza é retratada de forma enigmática como se fosse o próprio mito de Loreley, de tal

forma que os adjetivos apresentados no contexto da mesma nos revelam uma figura emblemática: “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” e os “olhos de ressaca”.

De fato, pela forma como são descritos na obra, os olhos de Capitu diziam algo a mais, comparados a imagem do fluxo das ondas, que a cada momento quebram à beira mar e revelam um espetáculo único, torna também a heroína única, seu olhar profundo e reflexivo, desdobrando emoções e sensações jamais experimentadas pelo narrador Casmurro, que através de seu comportamento infantilizado não conseguia aprofundar-se no mundo contrafeito de Capitu, do qual tem sua especificidade elaborada por sua própria narração.

#### 4. A VOZ E A VEZ DE CAPITU

Capitu representa mais do que uma personagem, elevou-se a tal grau que tornou-se um ícone para a discussão do comportamento humano, suas limitações e suas superações. Na produção crítica, não faltam estudiosos que apontem a força da figuração de Capitu, esbanjando-se adjetivos para qualificá-la. Muitos escritores adotaram-na como tema central de suas obras, até em letras de canções a ilustre personagem fora abordada como na canção de Luiz Tatit – Capitu:

De um lado vem você com seu jeitinho  
Hábil hábil, hábil.. e pronto!  
Me conquista com seu dom

De outro esse seu site petulante  
WWW ponto poderosa ponto com

É esse o seu modo de ser ambíguo  
Sábio, sábio  
E todo encanto, canto, canto  
Raposa e sereia da terra e do mar  
Na tela e no ar  
Você é virtualmente amada amante  
Você real é ainda mais tocante  
Não há quem não se encante

Um método de agir que é tão astuto  
Com jeitinho alcança tudo, tudo, tudo  
É só se entregar, é só te seguir, é capitular

Capitu  
A ressaca dos mares  
A sereia do sul  
Captando os olhares  
Nosso totem tabu  
A mulher em milhares  
Capitu



De um lado vem você com seu jeitinho  
 Hábil hábil, hábil.. e pronto!  
 Me conquista com seu dom

De outro esse seu site petulante  
 WWW ponto poderosa ponto com

É esse o seu modo de ser ambiguo  
 Sábio, sábio  
 E todo encanto, canto, canto  
 Raposa e sereia da terra e do mar  
 Na tela e no ar  
 Você é virtualmente amada amante  
 Você real é ainda mais tocante  
 (Zélia Duncan/Luiz Tatit, 2000)

Mas o que sempre impera em todas as abordagens é a referência da construção estereotipada de sua imagem concebida em *Dom Casmurro*. Ela permanece inalterável, ainda é a hipnotizante, a ambígua, tão ardilosa que a caracterizam na canção como o próprio vírus, capaz de infectar os organismos vivos, elementos estes presentes na canção de Luiz Tatit. Embora este artigo não pretenda a discussão cansada, de se comprovar a traição de Capitu, não podemos desconsiderar que esta personagem tem sido submetida a julgamentos que atravessam épocas. Mas se a Capitu fosse concedida a oportunidade de exprimir seus próprios sentimentos e questionamentos, de certo aos leitores seria permitida uma releitura desta figura insígnia, tão abordada por muitos autores. Sendo assim, tomamos como fonte de leitura o trabalho do escritor Domício Proença Filho, *Capitu: memórias póstumas*, para confrontarmos a construção desta personagem sob uma nova ótica, em que lhe é permitida a autodefesa, sua visão dos fatos e interpretação dos mesmos. O autor recupera as pistas deixadas por Machado de Assis, ao longo de sua obra prima, *Dom Casmurro*, para desvelar a alma labiríntica da personagem Capitu e lançar novas luzes ao enigmático Bentinho:

Conheci Capitu e Bentinho nos meus curiosos e antigos 15 anos. Quando aluno do Internato do Colégio Pedro II. E, como muitos adolescentes leitores do meu tempo, me apaixonei pela moça dos olhos de água. Pelo seu jeito de ser, por sua sensualidade, pelo seu mistério. E por consequência, talvez inconscientemente impregnado pelo ciúme que perpassa o romance, me indignei diante do narrador e do seu texto, feito de acusação e vilipêndio, sem qualquer possibilidade de defesa concedida à acusada. (PROENÇA FILHO, 1998, p. 11).

Em uma pequena pesquisa biográfica (WIKEPEDIA, 2008), vemos Domício Proença Filho é um professor e pesquisador da língua portuguesa e da literatura brasileira. É o quinto ocupante da cadeira 28 da [Academia Brasileira de Letras](#), eleito em 23 de março de 2006, na

sucessão do Acadêmico Oscar Dias Corrêa e recebido em 28 de julho de 2006 pelo acadêmico Evanildo Bechara. Romancista, poeta, ensaísta, crítico literário, antologista, professor universitário, filólogo, pesquisador, conferencista e promotor cultural, Domício Proença Filho marca sua presença nas áreas da criação artística que se relacionem com a escrita e com a língua portuguesa.

Domício busca referências em Machado, mas não nos propõe uma reescrita de sua obra. Na realidade, em *Capitu: memórias póstumas*, Proença Filho adere ao dialogismo com a obra de Machado, trazendo ao leitor um texto estruturado com a retomada de certas falas, sob a forma de transcrição ou paráfrase que servem de base para os comentários da narradora e sua perspectiva crítica. De fato, a obra funde-se com *Dom Casmurro* pois gera uma situação e de dependência quanto ao conteúdo, mas não perde sua funcionalidade. Afinal, Domício a compõe através de recortes, sem deixar que o criticismo de Machado seja anulado, revelando o seu próprio toque de crítica. A narração vem delimitada de maneira diferente: em *Dom Casmurro*, ela é conduzida por uma voz masculina; em *Capitu: Memórias Póstumas*, por uma voz feminina, tornando assim o estilo totalmente oposto ao que encontramos no discurso de Bento Santiago.

Na obra de Domício Proença, percebemos através do ponto de vista de *Capitu* alguns aspectos relevantes da figura de Bentinho:

(...) não me estranha, portanto, a afirmação de que o seu fim evidente, com a publicação de sua obra, era literalmente “atar as duas pontas da vida e restaurar a velhice na adolescência”. Não o conseguiu, ele mesmo concorda. Faltou-se a si mesmo. Boa desculpa, para tentar mover a credibilidade do leitor... Insegura, alguém tinha que ser culpado do seu fracasso existencial. Eu fui à escolhida (PROENÇA FILHO, 1998, p.15).

Se na obra de Machado presenciamos a construção de uma figura feminina perigosa, dissimulada e contestadora, em Domício vemos a outra face de *Capitu*.

O que encontramos é um processo decantado da *Capitu* do *Casmurro* para a essência da própria *Capitu* como figura feminina, com todas as características de uma mulher comum que sente, vibra, chora como todas as outras e a quem não fora permitida em vida sua autodefesa diante de todas as acusações e julgamentos aos quais fora submetida.

Nas páginas de *Capitu: memórias póstumas*, o que encontramos é uma *Capitu* apaixonada, que agiu influenciada pelo comportamento estático de Bentinho, atuando de forma madura para a conquista de seu grande amor. O questionamento sobre o amor é levado a comparação incisiva ao livro do Cântico dos Cânticos, o qual aborda a mais profunda,

universal e significativa experiência humana, o amor, que ao mesmo tempo demonstra-se ambíguo na história das personagens.

Se por alguns momentos Capitu desprende-se de qualquer modéstia e torna-se dona de seus atos, em outros traça um equilíbrio junto ao sentimento pelo qual trava a sua batalha diária. Nas páginas de Machado esses momentos de oscilação são determinadamente manipulados por Casmurro de modo que revele ao leitor uma figura feminina fria, calculista, a jogar durante toda a narrativa com fins de surpreender sua presa; mas afinal não podemos fugir da réplica: é necessário dar voz e vez à personagem para que, a partir de um outro ângulo, possamos delimitar os fatos sob uma nova ótica.

Agindo assim, a obra de Proença Filho revela-nos que a postura de Capitu é outra; deixa sua posição de ré e pela primeira vez defende-se com maestria e atinge um discurso reflexivo conduzindo-nos a um novo olhar, o da figura feminina que sai em defesa de seu discurso e de todas as vozes femininas podadas no exercício de sua liberdade, por conta de preceitos e preconceitos sociais. Em seu texto, Capitu reconhece o risco de contribuir para a diluição de sua imagem criada por Bentinho, mas após dialogar com Brás Cubas, Quincas Borba e o Conselheiro, chega a seguinte conclusão: Eu devia o meu texto a mim mesma e às mulheres de todos os tempos; não era justo que um discurso como o do meu ex-marido se eternizasse, sem qualquer contestação, na magia da arte (PROENÇA FILHO, 1998, p. 183-184).

Encontramos na contestação de Capitu o sentimento de repúdio ao discurso proferido por Bento Santiago, onde nestas linhas prevalece talvez o sentimento de muitas mulheres que, docilizadas, submeteram-se ao discurso dominante e ao silêncio sepulcral.

Na obra de Ingrid Stein, *Figuras femininas em Machado de Assis*, encontramos de forma clara esta visão feminina da personalidade de Capitu. A autora nos desperta a atenção para a visão romântica do amor sob o qual a mulher do século XIX é exposta, conforme descreve em seu artigo:

María Helena Concone é de opinião que a mulher do século XIX possuía uma visão romantizada do amor, e que não deve causar surpresa que ela, vivendo numa sociedade que “praticamente não lhe dava nenhuma possibilidade de realização pessoal-quer no amor (o qual deveria vir aliado ao casamento) quer fora dele- [...] ansiasse por ver realizado um ideal de amor romântico [...]”. Esse desejo nebuloso de realização de um amor romântico era contraditório, uma vez que ela sabia que ele só era praticável no casamento e que por seu lado não lhe oferecia grandes possibilidades de realização pessoal (STEIN, 1984, p. 56).

De fato, Capitu idealiza a vida ao lado de Bentinho, embora esta idealização não transpareça no discurso do narrador. Em todos os momentos, a espera fora o alento de Capitu:

a ida de Bentinho ao Seminário; o plano para livrar-se deste; seus retornos semanais cada vez mais escassos; as poucas cartas respondidas; sua ida para São Paulo; a dedicação à advocacia etc. Restaram a Capitu as fantasias de uma vida idealizada na benção matrimonial.

Como nosso narrador permeia os fatos em suas descrições, de imediato não conseguimos aferir tais traços da subjetividade masculina. Muitas vezes os sentimentos descritos por Bentinho são oclusivos e indeterminantes, prevalecendo sua opinião, seus compromissos, suas expectativas. A cada novo acontecimento, vemos Bentinho enlaçar-se aos que o rodeiam, deixando Capitu na presença de uma figura secundária, apenas coadjuvante de suas aventuras, conduzindo o leitor a indagar-se quem era a verdadeira Capitu: a descrita na Rua de Matacavalos ou a da Glória; percebe-se que intencionalmente o narrador conduz o olhar do leitor a tal questionamento a fim de provocar a compaixão pelo pobre homem Casmurro.

Sob este aspecto, em *Capitu: memórias póstumas*, podemos observar que o discurso de Capitu absorve as palavras de Bento, utilizando-as contra ele mesmo e sob este fluxo desdobra sua narrativa, ressaltando elementos que ficaram despercebidos pelo leitor em *Dom Casmurro*:

Citações e provérbios populares. que os escrevesse e, por vezes, os reelaborasse, para atender às suas histórias, vá lá. É vezo de ficcionista e acabou sendo uma das marcas do seu estilo, pelo menos dos textos que li. Mas aquela mania de valer-se deles por dá cá aquela palha para mim sempre soou como mais uma artimanha: na verdade ele usa o pensamento alheio e a sabedoria popular para autojustificar-se (PROENÇA FILHO, 1998, p. 60).

### **Considerações Finais**

Estamos diante de trabalhos que são, concomitantemente, contrastantes em referência à abordagem do perfil feminino. Em *Dom Casmurro*, romance de Machado de Assis, o retrato do feminino transfigura-se numa visão psicológica por excelência.

Se não fosse atribuída voz a Capitu, não conseguiríamos compreendê-la de uma maneira diferente da qual percebemos pelo discurso de Bento Santiago, pois intencionalmente todos os argumentos que nos são expostos partem do ponto de vista de um narrador masculino, sendo este narrador quem irá determinar as particularidades das personagens. Por isso, estabelecemos o estudo de análise literária em contraponto a *Capitu: memórias póstumas*, de Proença Filho, para que refletíssemos sobre a ambigüidade criada pelo narrador em torno da

figura feminina. Bentinho, como Dom Casmurro, contando a estória de seu passado, jamais dá a voz a Capitu, sendo assim vista unicamente através dos olhos daquele.

Podemos dizer que Capitu é uma personagem emblemática: representa a força ferida, a mulher punida. De origem humilde, provoca paixão no vizinho rico e partir daí se desencadeia um processo decantado sobre sua figura. Seus meros reflexos poderiam ser arditamente indeferidos por Bentinho, pois através destes, ele molda o caráter da personagem de maneira intencional, para que lhe seja favorável como álibi para suas frustrações e fracassos humanos.

Mas esta desconstrução do feminino encarado pela narração masculina se deve também ao processo das relações sociais, que ainda não estabeleciam espaço para o questionamento da condição da mulher na puritana e moralista sociedade da época. Sendo assim, Machado de Assis perpetua a construção da mulher dentro de um espaço restrito e lança seu olhar para comportamentos e fatos ocorridos no ambiente doméstico. Capitu sofre uma repressão tão violenta, o que culmina em sua condenação: a perda total da palavra e a solidão do exílio.

Em *Capitu: memórias póstumas*, a interpretação da personagem ganha uma nova significação, segundo Domício Proença Filho. Do texto emerge uma figura que se propõe mais inteira, mais completa; “uma figura feminina amorosa, profunda, indissimulada com as flores do rancor e a força do perdão” (LUCCHESI, 1998).

De fato, nos é possibilitada uma nova visão dos acontecimentos, que nos exprime uma imagem totalmente divergente da narração do Casmurro e que acompanha as transformações sociais, pois a visão desta Capitu já possui os traços da mulher do século XX, que não mais vive sob as idealizações, mas sabe questionar e impor sua opinião mediante aos fatos. Sua técnica de autodefesa fora justamente a de analisar as entrelinhas do discurso de Bentinho, assimilando todo o entendimento daquilo que verdadeiramente este deveria dizer, fazendo, assim, com que a contradição viesse à tona.

Assim como em Machado a ironia faz parte do discurso abordado já no próprio título, *Capitu: memórias póstumas*, mesmo sendo uma versão além-túmulo, aqui é permitida a liberdade de argumentos e a autodefesa da personagem, emudecida em *Dom Casmurro*.

Desta forma, podemos concluir que a transfiguração do estereótipo feminino é dada, uma vez que se confrontem os dois lados do discurso, pois, não estando de posse da versão de Capitu, não podemos afirmar até que ponto tal narrativa é verdadeira. Logo, é perceptível que Bento Santiago utiliza um discurso inteligente, polifônico, presente em muitos dos seus relatos e com características persuasivas, de forma tal, que manipula a opinião crítica do leitor a respeito da figura feminina em questão, levando-nos a considerar a impressão de dissimulação e de obliquidade em relação à Capitu a seu clímax.

Sendo assim, da análise dos estereótipos femininos de Capitu presentes nas obras, da figura dissimulada, esférica, complexa, labiríntica em *Dom Casmurro*, surge para nós uma mulher experiente, simples, lúcida e ciente de seus próprios ideais em *Capitu: memórias póstumas*.

### **Referência Bibliográficas:**

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: O Globo; Klick, s/d.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LUCCHESI, Marco. In: PROENÇA FILHO, Domício. *Capitu: memórias póstumas*. Rio de Janeiro: Artium, 1998.

PROENÇA FILHO, Domício. *Capitu: memórias póstumas*. Rio de Janeiro: Artium, 1998.

STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

DUNCAN, Zélia; TATIT, Luiz. Capitu. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br>. Acesso em 12 de maio de 2009.

PROENÇA FILHO, Domício. Disponível em: <http://www.wikipedia.org>. Acesso em 12 de maio de 2009.

WIKEPEDIA. <http://www.wikepedia.com>. Acesso em dezembro de 2008.

### **The transfiguration of the feminine stereotype in *Dom Casmurro* and *Capitu: memórias póstumas***

Fabiana Medeiros  
Universidade Iguazu

**Abstract:** This article aims at a literary analysis of the female stereotype of the works *Dom Casmurro* and *Capitu: memórias póstumas*, highlighting relevant aspects of the masculine vision formulated in an ambiguous language in contrast with the self-defense of the character Capitu leading us to a new view on her personality.

**Key Words:** Brazilian literature. Machado de Assis. Domício Proença Filho. Gender. Intertextuality.